# O mundo não existe[i] - 16/04/2019

Russell inicia com a questão se existe algum conhecimento que seja certo o  
sufiiente que não possa ser duvidado e faz uma investigação entre realidade e  
aparência que pode levar a crer que o mundo físico não existe, ou seja, ele  
questiona tal conhecimento. A cena se passa em seu escritório, ele está  
sentado na poltrona da escrivaninha próximo a janela de onde se vê o sol e as  
nuvens. A mesa que ele observa é marrom, mas será que é \_realmente\_? Há um  
pedaço da mesa mais escuro pela sombra, há outro pedaço branco pela  
luminosidade e uma parte lascada mostrando uma cor mais clara. Se alguém  
observa somente o pedaço iluminado pode achar que a mesa é clara, se alguém a  
vê de noite terá outra impressão. Mas, qual a cor da mesa? A mesa real não é a  
que vemos, mas uma que inferimos do nosso ponto de vista.  
  
A mesa apresenta uma superfície sólida e maciça a olho nu, mas pelo  
microscópio podemos notar fissuras, porosidade. Esse microscópio está correto,  
há outro mais possante ou nós estamos corretos? Afinal, qual a consistência da  
mesa? O mesmo vale para a forma \_real\_ da mesa que também varia dependendo do  
ângulo em que a vemos[ii]. Observamos várias propriedades que Russell denomina  
dados-dos-sentidos e que se apresentam à nossa sensação (cor, textura, som,  
etc.), mas qual mesa é a \_real\_? Há um objeto físico chamado mesa ou tudo não  
passa de dados-dos-sentidos? Temos conhecimento, pela sensação, de dados-dos-  
sentidos e, se não podemos concluir que o objeto físico não existe, ao menos  
sabemos que ele está muito distante de nós.  
  
Russell data essa argumentação a Berkeley como o primeiro a dizer que os  
objetos dos nossos sentidos não existem independentes de nós, porém ele não  
concorda com a conclusão: que só existem ideias ou que os objetos só existem  
por causa de uma ideia, seja a de Deus ou a de uma mente universal[iii].  
Berkeley e os demais idealistas, Leibniz, etc., não negam a existência do  
objeto físico, mas afirmam que ele é uma ideia de uma mente ou conjunto delas.  
Russell, então, nos mostra que o que vemos e sentimos do objeto não é o objeto  
físico em si, mas o que nos relaciona a ele, ou seja, sua \_aparência\_ , o que  
nos leva a dúvida sobre como seria a \_realidade\_ e se há meios de conhecê-la.  
Uma simples mesa torna-se uma questão cheia de possibilidades e, se existe  
dúvida, embora a Filosofia não possa responder a todas as questões, pelo menos  
ela aumenta o nosso interesse pelo mundo.  
  
   
  
\* \* \*  
  
   
  
[i] Bertrand Russell, \_Problems of Philosophy\_. APPEARANCE AND REALITY.  
Acessado em 15/04/2019:  
[http://www.ditext.com/russell/rus1.html](http://www.ditext.com/russell/rus1.html).  
  
[ii] Nas palavas de Russell: “But the 'real' shape is not what we see; it is  
something inferred from what we see.”  
  
[iii] O que ele considera falácia: “Whatever can be thought of is an idea in  
the mind of the person thinking of it; therefore nothing can be thought of  
except ideas in minds; therefore anything else is inconceivable, and what is  
inconceivable cannot exist.”